

70 anos de Ali | Esportes

Ele brigou no ringue por seus títulos de boxe e brigou fora dele para combater o racismo. Alegre, desbocado, artístico, técnico, inovador, Muhammad Ali transcendeu o esporte como nenhum outro. Um mito para o qual outros mitos prestaram reverência

Que os reis, deuses e gênios de outras modalidades desculpem, mas Muhammad Ali é o maior ícone saído do esporte. Um mito pop e social. Ele faz 70 anos em 17 de janeiro, fragilizado pelo Mal de Parkinson causado pelos socos que tomou nos ringues e com a imagem histórica intacta graças a estes fatores:

O BOXEADOR

Nos ringues, Ali foi brilhante, vencedor e inovador. Campeão olímpico e três vezes campeão mundial profissional (aos 22, 32 e 36 anos). Inteligente e estratégico, aplicava golpes certos na hora certa sem desperdício espalhafatoso de força. Superou Golias demolidores e se esquivava da maioria dos socos com uma agilidade incomum para um peso-pesado. E demoliu o clichê de que lutador deve bancar o guerreiro com cara de mau: sorria, dançava, zombava. Criou alegria num meio bruto.

O ATIVISTA

Ali aproveitou seus triunfos para ser ouvido num assunto sério: o racismo, ainda fortíssimo nos Estados Unidos dos anos 1960. Nascido com o nome de Cassius Marcellus Clay no segregador Sul americano, ele viveu ingenuamente até não ser atendido em um restaurante logo após ter sido campeão olímpico em 1960. Ferido com a injustiça, converteu-se aos engajados Muçulmanos Negros de Malcolm X e mudou seu nome para Muhammad Ali depois de ganhar o título mundial em 1964. Seus ataques à discriminação pareciam apenas bravata. Até que ele tomou uma atitude radical: recusou-se a servir na Guerra do Vietnã em 1967. Para ele, não fazia sentido combater um povo distante por um país em que os negros eram tratados como pessoas de segunda classe. Teve seu cinturão cassado, foi proibido de lutar e esteve bem próximo de ir preso. Manteve-se firme. Aos poucos, a opinião pública virou a seu favor. Em 1970, ele voltou aos ringues como gigante moral e herói popular.

O ÍCONE DOS ÍCONES

Por tudo que fazia, Ali virou ímã de ícones de outras áreas. Bob Dylan o citou numa música. Os Beatles lhe serviram de bobos da corte. Frank Sinatra fotografou sua luta contra Joe Frazier em 1971 para a revista Life. Woody Allen o entrevistou na TV. O adolescente Michael Jackson o fez de capacho numa foto. Pelé fez dele o principal convidado de sua despedida do futebol em 1977. Simulou golpes com Elvis Presley e Sylvester Stallone. Posou para Andy Warhol fazer quadros que hoje valem muito em leilões. E sua luta épica com George Foreman em 1974 rendeu um livro de um dos principais escritores do século 20 (A Luta, de Norman Mailer) e um documentário que ganhou Oscar (Quando Éramos Reis).

O REI DA AUTOPROMOÇÃO

Ali não tinha vergonha de se promover de vários jeitos. Tanto que foi um "pai" do MMA: em 1976, decidiu um suposto Campeonato Mundial de Artes Marciais com Antonio Inoki, campeão japonês de luta livre. O combate foi patético e terminou empatado. Mais bizarra que essa, só a "luta" de Ali contra o Superman numa HQ lançada em 1978 (a editora Panini acaba de lançar no Brasil uma edição em capa dura dessa história). Autointitulado "The Greatest" (O maior) desde o início da carreira, Ali lançou três obras com esse nome: um LP, um livro e um filme. Mas a verdadeira "bíblia" dele é Greatest of All Time, enorme livro de luxo lançado em três versões pela editora Taschen. Uma, com mil cópias numeradas e autografadas por Ali, custa US\$ 15 mil. Outra sai por US\$ 6 mil. A mais básica está por US\$ 150. Poucos têm cacife para receber um tratamento privilegiado (e sem medo de encalhe) como esse.